Recital

Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

Apresentando a Cartilha "Educação empreendedora integral e politécnica: uma possibilidade no contexto da Educação Profissional e Tecnológica"

Introducing the Booklet "Integral and polytechnic entrepreneurial education: a possibility in the context of Professional and Technological Education"

Normelena Diniz de OLIVEIRA
Instituto Federal de Minas Gerais/Instituto Federal do Norte de Minas Gerais
normelena.oliveira@ifnmg.edu.br

Edson Quaresma JÚNIOR
Instituto Federal de Minas Gerais/Instituto Federal do Norte de Minas Gerais
edsontunes@hotmail.com

DOI: https://doi.org/10.46636/recital.v4i1.245

Resumo

Devido à ampla disseminação do empreendedorismo, e seu forte viés empresarial, o presente estudo tem como objetivo apresentar o produto formulado a partir de uma dissertação de mestrado que analisou as relações entre os cursos técnicos em Informática Integrados ao Ensino Médio ofertados pelo IFNMG e as concepções sobre educação empreendedora empresarial e educação empreendedora social. Vislumbrou-se a possibilidade de ultrapassar as limitações do atual cenário e apresentar uma nova proposta de ensino, com vistas a desenvolver uma educação empreendedora integral e que promova a formação politécnica. Para tal, foi desenvolvida uma cartilha que apresentou uma alternativa à abordagem do empreendedorismo mais comumente empregada (com viés exclusivamente empresarial para abertura de negócios), sugerindo também uma mudança qualitativa do papel do empreendedorismo dentro da EPT. A aplicação do produto ocorreu de forma remota, sendo avaliado por 11 professores, através de três categorias de análise: estrutura e organização, conteúdos e conceitos, e aspectos metodológicos.

Os professores foram unânimes ao afirmarem que o produto é satisfatório quanto aos itens: Estrutura e organização da cartilha; Conteúdo e conceitos; Aspectos metodológicos.

Palavras-chave: Educação empreendedora. Ensino médio integrado. Empreendedorismo.

Abstract

Having in mind the wide dissemination of entrepreneurship, and its strong business aspect, this study seeks to present the product formulated from a dissertation thesis that analyzed the relationships between technical courses in information technology integrated to high school offered by IFNMG and the conceptions of entrepreneurial education, entrepreneurship and social entrepreneurial education. We aimed at the possibility to overcome the limitations of the current scenario and presenting a new teaching proposal, with a view to developing an integral entrepreneurial education that promotes polytechnic training. To this end, a booklet was developed, which presented an alternative to the most commonly used approach to entrepreneurship (with an exclusively entrepreneurial focus for opening a business), as well as suggested a qualitative change in the role of entrepreneurship within the EPT. The product was applied remotely, being evaluated by eleven professors, through three categories of analysis: structure and organization, contents and concepts, and methodological aspects. Teachers were unanimous in stating that the product is satisfactory regarding the items: Structure and organization of the booklet; Content and concepts; Methodological aspects.

Keywords: Entrepreneurial education. Integrated high school. Entrepreneurship.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a sociedade tem-se deparado com grandes avanços da ciência e da tecnologia, construindo um novo cenário que clama por novas posturas didáticas. Embora seja relevante a compreensão dos aspectos específicos da criação de novos negócios, cabe questionar se Educação Profissional e Tecnológica (EPT) deve realizar somente o treinamento operacional para o desenvolvimento de saberes fundamentados no conhecimento científico e tecnológico. É preciso questionar que tipo de sujeitos as escolas de ensino profissional e tecnológico estão formando e para que tipo de trabalho. Andrade (2005) esclarece que cabe à escola explicitar sua função social e sua proposta educativa, indicando com clareza o perfil do cidadão que deseja preparar.

Este trabalho representa uma alternativa à abordagem do empreendedorismo mais comumente empregada, bem como sugere uma mudança qualitativa do papel do empreendedorismo dentro da EPT. Para desenvolver essa compreensão, tornam-se necessárias a ruptura e a superação de conceitos e crenças arraigados no olhar tecnicista/economicista que ainda permeia o ensino do empreendedorismo. Conhecer, compreender e, principalmente, acreditar na abordagem do empreendedorismo com uma visão mais humanizada, com vistas a proporcionar uma formação integral e politécnica, pode levar a mudanças consideráveis na atuação profissional e, por conseguinte, abrir caminhos para mudanças maiores na nossa sociedade.

As atividades voltadas apenas para a formação de pessoas “empregáveis” ou donas de “seu próprio negócio” podem ser reformuladas, para se mostrarem coerentes com os objetivos da

EPT, no que tange à formação integral do ser e ao desenvolvimento de habilidades para a transformação social e para a melhoria do meio em que vive.

Esta cartilha não busca abordar a educação empreendedora como tem sido difundida, sob a ilusão de um aporte teórico ideal e sem críticas, mas sim promover uma reflexão sobre o próprio modelo tradicional de educação, a partir da temática em foco. Assim, a educação empreendedora é defendida pelos autores da cartilha como uma alternativa de ensino que possibilita a formação integral e politécnica dos estudantes, com vistas a promover uma transformação social, e não sua reprodução acrítica.

Com isso, este material aprofunda o tema do empreendedorismo para entender a importância da utilização de uma nova abordagem, que proporcione uma educação integral e politécnica, em lugar do atual modelo de educação empreendedora com viés limitado ao mundo empresarial, voltado apenas para a capacitação e para o trabalho operacional, em que o oprimido, iludido, sonha em ocupar o lugar do opressor (FREIRE,1987).

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA NO CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO

A educação pode ser considerada como o processo pelo qual a sociedade reproduz a si mesma. Assim, discute-se como isso ocorre e de que forma os aspectos negativos da sociedade podem ser minimizados pela educação. No entanto, os educadores ainda podem encontrar-se em meio a um dilema: formar pessoas ou preparar mão-de-obra para empreender nos mercados de trabalho e/ou nos negócios? Tal perspectiva foi a motivadora da pesquisa realizada com os alunos e professores do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFNMG. Buscou-se responder ao seguinte problema: quais as relações entre os cursos técnicos em Informática Integrados ao Ensino Médio ofertados pelo IFNMG e as concepções sobre educação empreendedora empresarial e social? Para alcançar os objetivos, investigou-se a oferta do referido curso em seis *campi*, por meio de pesquisa documental nos respectivos projetos de curso, de aplicação de questionários, além de entrevistas semiestruturadas.

Objetivando preservar a integridade dos *campi*, bem como manter a ética e o anonimato dos participantes da pesquisa, utilizaram-se nomes fictícios para os alunos e professores que participaram das entrevistas, bem como para seus locais de trabalho. Os *campi* foram classificados em C1, C2, C3, C4, C5 e C6. Os alunos tiveram, na composição do nome fictício, a letra “A” associada à numeração (A1, A2, A3, ...) e ao campus a que pertencem (ex.: A1C3); já para os professores foi utilizada a letra “P” (ex.: P1C3).

O resultado da pesquisa apontou a predominância da educação empreendedora com viés empresarial no curso em questão, reforçando a perspectiva econômica na concepção do empreendedorismo. Essa percepção pode ser observada nas narrativas dos alunos e dos professores, a partir das quais foi possível estabelecer as relações entre os cursos técnicos em Informática Integrados ao Ensino Médio e as concepções de educação empreendedora empresarial e social. Foram criadas, portanto, categorias para explicitar tais relações:

Categoria 1 – Abordagem do empreendedorismo no curso: demonstra a forma pela qual o empreendedorismo é abordado no curso, se por meio de uma disciplina específica, como

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 4, n. 1, jan./abr. 2022.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Administração e Empreendedorismo, ou se é abordado em outras disciplinas ou até mesmo de forma transversal.

Categoria 2 – Concepções sobre empreendedorismo / educação empreendedora: retrata as percepções dos alunos sobre empreendedorismo e as dos professores sobre educação empreendedora, demonstrando as áreas que essas percepções perpassam e considerando, principalmente, o viés empresarial e o viés social.

Categoria 3 – Ensino contextualizado com as questões sociais: evidencia, por meio das narrativas de professores e de alunos, se o ensino desenvolvido no curso contextualiza e considera as questões sociais, identificando de que forma isso é abordado e concretizado.

Categoria 4 – Limitações impostas pelo ensino tradicional e tecnicista: permite identificar as principais limitações impostas pelo ensino tradicional e tecnicista para o desenvolvimento e a efetivação da educação empreendedora.

Quando somados, os relatos colhidos, em sua predominância, retratam o empreendedorismo sendo ensinado e propagado com percepção tecnicista/empresarial, objetivando a abertura de empresas, a inserção no mercado de trabalho e a busca de retorno financeiro. Essa percepção representa aproximadamente 83% dos relatos dos alunos e 76% das narrativas dos professores, em detrimento da pouca frequência do viés social na narrativa dos entrevistados, presente em apenas 17% das narrativas dos alunos e em 24% das narrativas dos professores. Em culminância, detectaram-se diversas limitações impostas por um ensino desvinculado das questões sociais, baseado em concepções pedagógicas tradicionais e tecnicistas, que visam formar os discentes para a empregabilidade, não proporcionando a eles a possibilidade de se tornarem autônomos e críticos quanto aos conhecimentos historicamente construídos pela sociedade e quanto ao seu papel de cidadãos, capazes de promover a transformação social.

Diante de tal problemática, propõe-se uma educação empreendedora como possível alternativa para o desenvolvimento de uma perspectiva politécnica, que estimule atitudes proativas e pensamento crítico, motivando os alunos a encontrarem soluções para os mais diversos problemas e incentivando o desenvolvimento pessoal, profissional e social.

CONCEPÇÕES DE EMPREENDEDORISMO E DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO

Considerando que a pesquisa revelou a necessidade de se repensar o ensino de empreendedorismo ofertado aos discentes, torna-se muito interessante conhecer mais profundamente seu conceito e a importância que a ressignificação da educação empreendedora possui para a formação integral dos indivíduos. Alguns pesquisadores deixaram suas percepções sobre o que é o empreendedorismo: Empreendedorismo é a junção de pessoas e processos, que, em conjunto, conseguem transformar ideias em oportunidades (DORNELAS, 2008). O Empreendedorismo pode ser considerado como um meio para a realização humana, uma vez que, ao adotar uma atitude empreendedora, os sonhos podem ser transformados em realidade, desde que se tenha motivação necessária e instrumentalização adequada, adquirida por meio da educação empreendedora (SALIM; SILVA, 2010).

A partir de tais definições, percebe-se o potencial do empreendedorismo na vida de uma pessoa, sendo capaz de desenvolver os meios adequados para realizar projetos pessoais e para a transformação da realidade. Todavia, existiria ainda a necessidade da motivação e da adequação

da instrumentalização, uma vez que, esses elementos estão muito focados na abertura de empresas, na inserção no mercado de trabalho e na busca de retorno financeiro. É nesse sentido que se pergunta: em um mundo onde mudanças climáticas, sociais e tecnológicas podem conter resultados disruptivos, são esses elementos suficientes ou existe, ainda, a necessidade de desenvolvimento de questões mais profundas na formação dos sujeitos? A resposta a essa questão, como afirma Coelho (2011), pode ser atribuída à educação empreendedora, pois: o ensino do empreendedorismo deve promover o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos em sua integralidade.

Na educação empreendedora promove-se um ambiente para a construção conjunta do conhecimento, e não para sua transferência linear; um ambiente de preparação para a vida, e não de formação para um emprego. Desse modo, objetiva-se romper a dicotomia entre teoria e prática e promover o desenvolvimento integral dos sujeitos, em todas as suas dimensões, no sentido de se buscar uma relação mais profunda entre o conhecimento e a formação para o trabalho. Por exemplo, pode-se incentivar os discentes a desenvolverem a capacidade de pensar criticamente sobre sua "inserção no mercado" e em como se dá a exploração da mão-de-obra na lógica capitalista (LAVIERI, 2010), em vez de meramente ensiná-los como ser empregáveis.

Assim, a educação empreendedora precisa ir além e envolver todas as dimensões — pessoal, profissional e social —, e não apenas se concentrar no fator econômico; é indispensável que tenha conotação social, que tenha compromisso com o crescimento e com o desenvolvimento de todos, pois, conforme a pesquisa realizada com os alunos, foi possível perceber em suas narrativas a limitação do ensino e a falta de contextualização com as questões sociais: *"Eu acho que não incentiva reflexão sobre problemas sociais, eu diria que é só em mercado de trabalho em si, mas problemas sociais não" (A1C3)*.

Em linha com Hengemühle (2014), a formação de pessoas empreendedoras e competentes exige uma nova visão e compreensão do homem, em dimensões pouco exploradas até o momento, sendo preciso vencer os desafios históricos que distanciam a discussão do empreendedorismo do contexto educacional.

Nesse sentido, existe o desafio que o viés humanista impõe à educação empreendedora empresarial ou tecnicista e que converge, em última análise, para um único ponto: o da superação da primeira. Para buscar essa superação, é necessário o desenvolvimento de uma nova mentalidade empreendedora, o que exige criatividade, mas que depende, antes de tudo, de uma educação que liberte da visão exclusivamente empresarial. Conforme os professores, um dos alvos desta pesquisa, é preciso que eles sejam capacitados, pois não estão preparados para desenvolver uma educação empreendedora nesse modelo, por não terem sido formados nessa perspectiva:

> "*Eu penso que a instituição tem que passar por um processo formativo, para compreensão do que seja uma educação empreendedora [...]. Porque somos de uma geração, enquanto educadores, que não passaram por essa discussão nem por uma educação nesse modelo, então podemos ter dificuldade de oferecer uma educação nessa perspectiva social*" (P2C3).

Torna-se imprescindível que a formação apontada pelo entrevistado dê lugar à formação de uma mentalidade empreendedora. Como apresentado por Lavieri (2010) e Hengemühle (2014), contemporaneidade apresenta desafios para formação de pessoas críticas e empreendedoras. De acordo com Filion (1999, p. 13), "se persistimos na utilização das mesmas ferramentas,

continuaremos a encontrar os mesmos resultados”, que continuarão, com certeza, inadequados às novas exigências. Assim, os objetivos principais da educação empreendedora são coerentes com o fortalecimento dos valores empreendedores na sociedade, visto que buscam o desenvolvimento da capacidade individual e coletiva para gerar valores à sociedade e que incentivam a inovação, a autonomia e a busca de sustentabilidade.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: A CONTRAPOSIÇÃO ENTRE AS PROPOSTAS ECONÔMICA, SOCIAL E INTEGRAL

O conceito de empreendedorismo transformou-se, ampliou-se ao longo do tempo e, atualmente, argumenta-se, tem-se caracterizado como sinônimo de inovação, de modificação social e de risco e como criação de renda para agregar e ampliar o desenvolvimento econômico. O resultado desse processo de transformação é o desdobramento do empreendedorismo em duas vertentes de abordagem: empresarial e social.

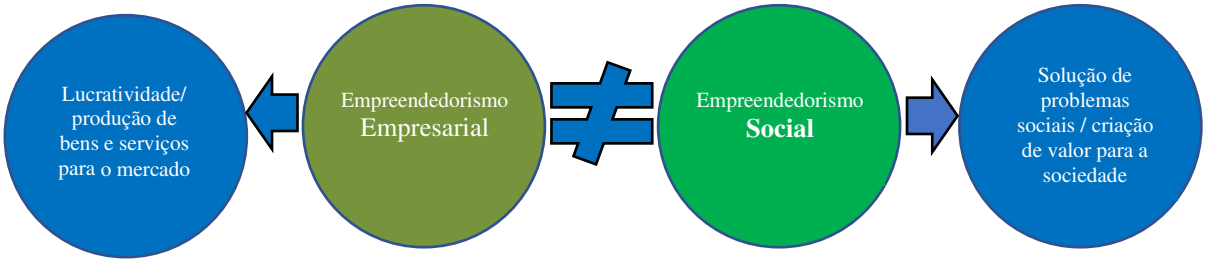
A abordagem do empreendedorismo empresarial busca produzir bens e serviços que são trocados no mercado e objetiva, unicamente, satisfazer às necessidades de consumo da sociedade, no campo dos recursos materiais e do desejo. Alguns pesquisadores contribuíram com diferentes conceitos para a perspectiva economicista/empresarial. Guerreiro (2014) considera que o empreendedorismo empresarial é focado na nova arquitetura organizacional, nas estratégias de gestão do processo e de acompanhamento dos resultados, que precisam expressar uma eficiência estratégica e uma eficácia operacional traduzidas em maior produtividade, menor custo e melhor desempenho competitivo; além disso, possui na inovação tecnológica e organizacional sua matéria-prima de trabalho. Para Almeida e Cardoso (2018), esse é o empreendedorismo com foco no mercado situacional, local e global, que procura compreender a complexidade do consumo sem fronteiras e as novas tendências políticas e econômicas da sociedade moderna, no sentido de identificar e aproveitar uma oportunidade diferenciada.

Assim, esse modelo de empreendedorismo é voltado exclusivamente para a lucratividade da empresa, mostrando-se pouco preocupado com o bem-estar social e com o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos. Mas essa visão tem encontrado uma contraposição, que, embora já exista há décadas, ainda não alcançou de forma plena o ensino do empreendedorismo na EPT, como mostrou o resultado da pesquisa. Na narrativa dos discentes e dos docentes, diferentes perspectivas de empreendedorismo existem, mas a prevalência da visão econômica é nítida.

No início dos anos 1980, o empreendedorismo, até então associado apenas a atividades empresariais, sofreu algumas mudanças, adquirindo contornos sociais, do que derivou, na década de 1990, o empreendedorismo social, que possui uma proposta de amenizar os problemas sociais e econômicos que afligem a sociedade (BRITO, 2014).O empreendedorismo social procura interpretar as carências da sociedade, produzindo projetos que as focalizem, no sentido de oportunizar melhores condições de acesso à cidadania. Busca promover serviços que ampliem a qualidade de vida da sociedade como um todo. As pesquisas nessa área são também recentes, por exemplo: Salim e Silva (2010) percebem no empreendedorismo um fenômeno social para além da abertura de empresas; Guerreiro (2014) destaca que esse empreendedorismo articula diretamente os diversos setores sociais e produz soluções inovadoras para a promoção da qualidade de vida da coletividade; Almeida e Cardoso (2018) afirmam que o principal objetivo do campo do empreendedorismo social é diminuir vulnerabilidades e desigualdades sociais no mundo. Há alguns pesquisadores que consideram a solução de problemas sociais e a

criação de valor para a sociedade como as principais diferenças entre o empreendedorismo empresarial e o social (DEES, 2001; DORNELAS; SPINELLI; ADAMS, 2014).

FIGURA 1 – DIFERENÇAS ENTRE EMPREENDEDORISMO EMPRESARIAL E SOCIAL



FONTE: Elaborado pelos autores, baseado em Dees (2001).

Considerando essa diferença, Melo Neto e Froes (2014) traçam as principais características de cada tipo de empreendedorismo, apresentadas no Quadro 1, no qual podem ser observados também outros pontos de divergência entre eles.

O empreendedorismo social busca a solução dos problemas sociais, sendo um catalisador de mudanças de "valores" da sociedade, com o objetivo de causar impactos positivos para a coletividade. Para se obter mais informações sobre o empreendedorismo social, algumas sugestões de obras e de trabalhos desenvolvidos que abordam detalhadamente as nuances do referido tema são: ALMEIDA, e CARDOSO (2018); DEES (2001); DOLABELA (2016); GUERREIRO (2014); MELO NETO e FROES (2002); SALIM, e SILVA (2010).

QUADRO 1 – CARACTERÍSTICAS DO EMPREENDEDORISMO EMPRESARIAL E DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Empreendedorismo empresarial	**Empreendedorismo social**
Individual	Coletivo e integrado
Produz bens e serviços para o mercado	Produz bens e serviços para a comunidade, local e global
Foco no mercado	Foco na busca de soluções para os problemas sociais e nas necessidades da comunidade
Sua medida de desempenho é o lucro	Sua medida de desempenho são o impacto e a transformação social
Propõe satisfazer necessidades dos clientes e aumentar as potencialidades do negócio	Propõe resgatar pessoas da situação de risco social e promovê-las, gerando capital social, inclusão e emancipação social

FONTE: Adaptado de Melo Neto e Froes (2014).

Outrossim, diante dessa preocupação em se promover a solução de problemas da sociedade — salientando não só a necessidade de compreensão crítica da realidade, mas a importância do domínio das formas do fazer, dos recursos instrumentais, metodológicos e técnicos, da utilização prática dos conhecimentos adquiridos para a promoção da qualidade de vida da sociedade e da consequente formação de sujeitos aptos para tal fim —, percebe-se que uma terceira alternativa emerge: a proposta de ensino integral e politécnico. Todavia, um currículo pensado para a formação integral, tendo o trabalho como princípio educativo, avança na busca

por relacionar as partes com o todo, fazendo uso dos conhecimentos já construídos ao longo da história da humanidade e relacionando-os às condições de produção da existência humana, considerando os aspectos pessoais e sociais (SANTOS; NONENMACHER, 2019).

TRANSFORMAÇÕES DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E A FORMAÇÃO INTEGRAL E POLITÉCNICA

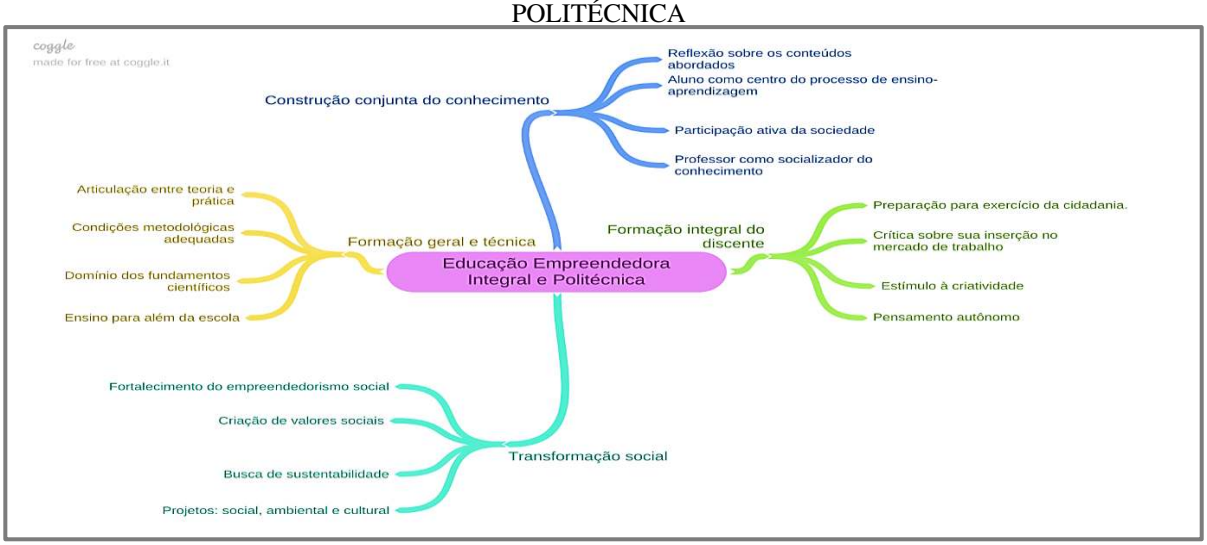
Dessa forma, uma imagem ilustrativa do processo de transformação da educação empreendedora seria: inicialmente considerada com viés empresarial e tecnicista, com os objetivos de criação de novos negócios e de formação de mão-de-obra para o mercado; em seguida, assume a forma de educação empreendedora humanista, a qual é abordada com um viés social, mas ainda com objetivo limitado à solução de problemas ambientais e sociais e à formação de profissionais; e, por último, uma nova possibilidade avança no sentido da integralidade, podendo abranger os objetivos anteriores, de forma crítica, mas agora tendo como foco a formação de sujeitos. Intitulada “educação empreendedora integral e politécnica”, possui o objetivo de promover a formação pessoal, intelectual, profissional e social, ou seja, a formação integral dos sujeitos.

Diante do exposto, é possível inferir que a ideia de educação empreendedora com olhar tecnicista vem recebendo novos olhares, gradativamente, e que hoje há mais condições de se propor uma formação integral e politécnica do sujeito. Nessas condições é que se colocam as considerações de Frigotto, Ciavatta e Ramos (2012), quando mencionam que o ensino integral e politécnico constitui-se possibilidade de travessia em direção a uma nova realidade. Defende-se aqui a proposta de uma educação que busque a transformação das estruturas do sistema de produção vigente, tendo consciência, entretanto, de que a superação dessas estruturas implica um longo processo histórico de luta e de que a educação empreendedora é necessária como travessia para uma formação integral e politécnica.

A Figura 2 apresenta a proposta de educação empreendedora integral e politécnica, trazendo os principais conceitos e princípios que a embasam. De modo geral, esse modelo de educação pede uma redefinição do ensino técnico com uma visão que supere a profissionalização estreita e o reducionismo ao mercado de trabalho, buscando-se uma alternativa educacional realmente formativa e de negação da reprodução das desigualdades sociais, reprodução essa muitas vezes promovida pela própria instituição de ensino.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 4, n. 1, jan./abr. 2022.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

FIGURA 2 – PRINCÍPIOS E CONCEITOS DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA INTEGRAL E POLITÉCNICA



FONTE: Os autores (2021).

Desse modo, percebe-se que a educação empreendedora integral e politécnica surge como uma reivindicação, uma bandeira e, possivelmente, uma proposta. É uma reivindicação, porque membros da sociedade, como o entrevistado P2C3, almejam que a escola ofereça esse modelo de educação empreendedora. É uma bandeira, no sentido de acenar com uma perspectiva de uma escola diferente. E está-se direcionando para ser uma proposta, visto que estão sendo desenvolvidos estudos na área, como este. É preciso que narrativas como as apresentadas a seguir deixem de caracterizar, por si só, um curso de EPT: "O curso incentiva a procurar emprego, porque ensinam muito na parte prática consertar, formatar, limpeza, essas coisas práticas" (A1C5). "Eu acredito que o curso dá os conhecimentos necessários para seguir na área da informática, arrumar um emprego" (A3C6).

Por isso, serão sugeridas a seguir algumas ações para tornar o ensino menos tecnicista e mais crítico e reflexivo, capaz de conectar-se com a vida do discente.

PROPOSTAS DE AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA INTEGRAL E POLITÉCNICA

Desenvolver uma "educação empreendedora integral e politécnica" fundamentalmente promoverá uma melhor articulação entre conhecimentos e metodologias de ensino que possam contribuir para a transformação social.

Para além disso, a concepção de educação enquanto instrumento de transformação social perpassa a prática docente, ou seja, esse profissional precisa possuir a capacidade de denunciar as injustiças sociais por meio do seu trabalho, dos conteúdos apresentados, e precisa desenvolver práticas que permitam a participação do discente e o desenvolvimento do pensamento autônomo e da capacidade de questionar (LIBÂNEO, 2000).

Nesse sentido, há a necessidade de tratar do tema da educação empreendedora integral, uma vez que existem várias contradições entre a educação integral e a educação empreendedora.

Esta ainda é direcionada, por alguns autores, para a área empresarial, quando muito chegando ao viés social, mas, de qualquer forma, limitando-a ao desenvolvimento profissional e aos meios econômicos de produção. Já a educação integral promove um processo formativo no qual são integradas e desenvolvidas todas as dimensões — profissional, pessoal e social —, ou seja, a formação politécnica integral dos sujeitos. Dessa maneira, afirma Ramos (2010) que a formação integral se inicia na concepção do homem em sua totalidade, englobando todas as dimensões do homem. Afirma ainda que ela integra trabalho, ciência e cultura no processo formativo. Ao preparar o indivíduo para o mundo do trabalho, a EPT deve fazê-lo de forma integral, tanto no domínio das técnicas quanto em sua preparação para viver em sociedade e para o exercício da cidadania.

É coerente que a educação empreendedora, com enfoque empresarial e arraigada nos cursos técnicos, seja substituída pela “Educação Empreendedora Integral e Politécnica”, que tenha como base a formação empreendedora pessoal e social, a cooperação, a cidadania e a ética. Isso permitiria a efetivação de uma educação empreendedora que tenha como base a politecnia, a formação técnica e profissional articulada à educação básica e à dimensão ético-política, promovendo-se assim o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos para exercerem a cidadania e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

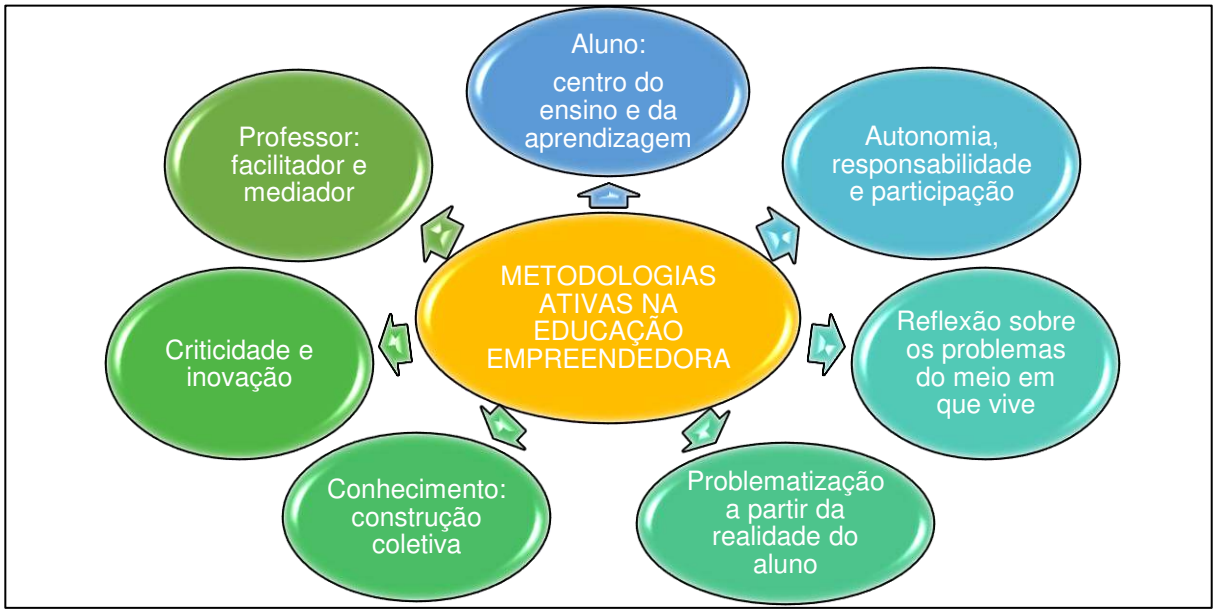
Para promover a transformação social por meio da educação não é necessário criar disciplinas, mas sim “politecnizar” as que já existem e prever conteúdos e enfoques que lidem com tecnologia como fenômeno social, teórico e prático. Não se trata também de aumentar mecanicamente o volume dos conhecimentos, mas de redefinir os métodos de abordagem. Nesse sentido, Dolabela (2016) destaca que o aluno é o ponto principal na sala de aula, e o professor, o facilitador da aprendizagem. Deve atuar demonstrando, recomendando e questionando; assim, a proposta pedagógica empreendedora tenta diminuir o efeito da censura sobre os sonhos dos jovens, que pode acontecer nas escolas fazendo com que a decisão parta do âmago do próprio aluno, e não de uma imposição ou indução do docente.

Segundo Barbosa e Moura (2013) e Moran (2018), essa proposta pedagógica é conhecida como metodologia ativa. A aprendizagem ativa ocorre com a interação entre o estudante e o assunto abordado, podendo utilizar como métodos: projetos, resolução de problemas, estudos de caso, simulações, debates, entre outros. Na metodologia ativa, o estudante é considerado o principal personagem na construção do conhecimento; ele é incentivado a adotar uma atitude ativa no processo de aprendizado, construindo o conhecimento em vez de receber as informações de forma passiva.

A Figura 3 apresenta uma síntese dos principais princípios da metodologia ativa, que se relacionam diretamente com os princípios norteadores de uma educação empreendedora integral e politécnica. A combinação de itinerários de estudo semiestruturados e abertos, relacionando-os com as necessidades e interesses dos alunos e da sociedade, é relevante para o alcance de uma educação integral e politécnica (MORAN, 2018). Algumas contribuições do desenvolvimento das metodologias ativas, são: Integração entre as áreas do conhecimento (currículos inter e transdisciplinares flexíveis, com acompanhamento contínuo); Formação inicial e continuada dos professores orientação/mentoria por meio de tecnologias presenciais e on-line; compartilhamento de experiências); Planejamento do ritmo das mudanças (currículos flexíveis, integradores, menos disciplinares); Protagonismo e participação do aluno (situações práticas, produções individuais e de grupo e sistematizações progressivas).

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 4, n. 1, jan./abr. 2022.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

FIGURA 3 – PRINCÍPIOS DA METODOLOGIA ATIVA NA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA



FONTE: Adaptado de Diesel, Baldez e Martins (2017).

As metodologias ativas trazem diversas vantagens para o ensino, para a prática docente e para o desenvolvimento do discente. Este passa a se desenvolver progressivamente com autonomia e consciência, auxiliado por um docente que estará em constante formação, pois tais métodos exigem essa flexibilização na prática pedagógica, além de facilitarem a integração curricular e a abordagem holística do conhecimento. Elas demandam, portanto, que a criatividade docente busque as melhores formas de promover esse ensino integrado, participativo e mais ativo para o educando.

Existem diferentes abordagens para se trabalhar com as metodologias ativas em sala de aula, seja de forma individual ou coletiva. Algumas delas são apresentadas no Quadro 2.

QUADRO 2 – METODOLOGIAS ATIVAS UTILIZADAS ATUALMENTE

Metodologia ativa	**Definição/aplicação**
Aprendizagem Baseada em Problemas (ABProb ou PBL, do inglês *problem-based learning*)	Parte da apresentação de um problema real pelo professor, que será então investigado pelos alunos para se descobrirem suas causas e efeitos, podendo-se chegar a hipóteses e soluções. Não precisa resolver o problema em si, mas faz com que o aluno pense em soluções adequadas para a situação apontada. Pode ser desenvolvida de forma individual ou em equipes.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 4, n. 1, jan./abr. 2022.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP)	O professor estimula os alunos a construírem o conhecimento de forma colaborativa a partir do desenvolvimento de um projeto, relacionando o currículo à vida real. A Aprendizagem Baseada em Projetos é similar à abordagem PBL, porém, enquanto está trata de fatos isolados, com conteúdo pontuais, a ABP possui maior amplitude, abrangendo cenários mais completos, com conteúdo sequenciais. É possível que seja gerado um produto, ao final, que pode ser um objeto concreto ou uma ideia a ser aplicada à realidade próxima dos discentes. Os projetos podem ser desenvolvidos dentro de cada disciplina, de forma interdisciplinar (integradores) ou transdisciplinar.
Arco de Maguerez	É uma metodologia utilizada para a resolução de problemas da realidade, estruturada em cinco passos orientadores que favorecem a ação-reflexão-ação acerca do contexto real, a saber: observação da realidade e definição de um problema; pontos-chave; teorização; hipóteses de solução; aplicação à realidade. Diferencia-se da PBL porque, dessa vez, o discente é que irá levantar a problemática a partir da observação da realidade.
Aprendizagem Baseada em Jogos (GBL, do inglês *game-based learning*) ou gamificação (do inglês *gamification*)	Baseia-se na utilização de jogos com fins educativos — os jogos sérios (ou *serious games*) — ou na aplicação de elementos dos jogos em atividades não relacionadas a eles. Sendo assim, existem (ou podem ser criados) jogos ou atividades pedagógicas "gamificadas" nos quais os conteúdos curriculares podem ser abordados de forma mais lúdica, permitindo-se a reflexão, a interação e a colaboração entre os discentes. Além disso, esses jogos podem conter desafios, *feedback*, *ranking,* entre outros elementos que envolvam emocionalmente os alunos. Por estarem conectados ao mundo dos jovens, os jogos favorecem a motivação e o engajamento, o que pode facilitar a aprendizagem.
Sala de aula invertida ou aprendizagem invertida	Os conteúdos são preparados e disponibilizados previamente, para que sejam estudados antes da aula, o que possibilita ao aluno conhecer o assunto e apontar as principais dúvidas relacionadas ao tema. Na sala de aula, tais conteúdos serão trabalhados por meio de atividades práticas, resolução de problemas, projetos, debates, individualmente ou em grupos. Otimiza o tempo de aprendizagem, pois o aluno poderá dominar previamente o básico, enquanto o professor conduz o processo de aprofundamento do conhecimento.
Rotação por estações de aprendizagem	Propõe a criação de circuitos de estações na sala de aula, cada uma contendo atividades diferentes sobre o mesmo conteúdo. Os alunos, individualmente ou em grupo, revezar-se-ão nessas estações, desenvolvendo as atividades propostas (jogos, exercícios *on-line*, problemas, desafios, etc.). Favorece a colaboração, a autonomia discente, o respeito aos ritmos de aprendizagem e a mudança no papel do professor, o qual atuará como mediador.

Fonte: Adaptado de Bordenave e Pereira (2005), Mattar (2010), Domingues (2018), Moran (2018), Almeida Neto e Petrillo (2019) e Herarth (2020).

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 4, n. 1, jan./abr. 2022.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

COMO UTILIZAR AS ABORDAGENS DA METODOLOGIA ATIVA NA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA INTEGRAL E POLITÉCNICA?

A educação empreendedora possibilita — desde que seja praticada e implementada de forma ampla — o desenvolvimento de diversas habilidades nos sujeitos, promovendo assim a formação integral dos sujeitos. Como exemplo, podem ser trabalhadas em conjunto a **aprendizagem baseada em projetos** e a **aprendizagem baseada em problemas** ao se desenvolver um projeto interdisciplinar, que pode envolver tanto a comunidade interna como também a comunidade externa à instituição de ensino. A metodologia ativa pode também ser desenvolvida a partir do Arco da problematização de Charles Maguerez, apresentado por Bordenave e Pereira (2005). Enquanto na Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) o professor apresenta aos alunos um problema social para análise e solução, no Arco de Maguerez o ponto de partida é a observação da realidade social feita pelos alunos, por meio da qual identificam os problemas a serem solucionados (BORDENAVE; PEREIRA, 2005).

FIGURA 4 – UTILIZANDO A APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS E A BASEADA EM PROBLEMAS NO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA INTEGRAL E POLITÉCNICA



FONTE: Os autores (2021).

A metodologia ativa pode também ser desenvolvida a partir do Arco da problematização de Charles Maguerez, apresentado por Bordenave e Pereira (2005). Enquanto na Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) o professor apresenta aos alunos um problema social para análise e solução, no Arco de Maguerez o ponto de partida é a observação da realidade social feita pelos alunos, por meio da qual identificam os problemas a serem solucionados (BORDENAVE; PEREIRA, 2005). Essa metodologia consiste em cinco etapas:

1. Observação da realidade: ocorre a identificação do problema;

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 4, n. 1, jan./abr. 2022.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

2. Pontos-chave: reflexão e definição sobre os pontos principais do problema;
3. Teorização: construção de respostas fundamentadas para o problema;
4. Hipóteses de solução: pensar e propor possíveis alternativas de solução;
5. Aplicação à realidade: aplicar as soluções geradas no processo, objetivando a transformação da realidade problematizada.

A problematização defende a educação como prática coletiva e social, e não individual. Essa metodologia coopera com a formação de indivíduos críticos, que buscam a transformação da realidade em que vivem (BERBEL, 1999). Desse modo, essa metodologia de problematização pode ser utilizada no desenvolvimento da educação empreendedora integral e politécnica, conforme apresentado no Quadro 3. A aprendizagem baseada em jogos e a *gamificação* também são formas de envolver os discentes, de aumentar o engajamento e a participação deles nas aulas, além de facilitarem a aprendizagem (DOMINGUES, 2018). Portanto, segue um exemplo de atividade *gamificada* que pode desenvolver a habilidade de empreendedorismo no educando, de forma lúdica e divertida.

QUADRO 3 – PROBLEMATIZAÇÃO APLICADA AO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA INTEGRAL E POLITÉCNICA, UTILIZANDO-SE O ARCO DE MAGUEREZ

ETAPAS	OBJETIVO	AÇÕES
Observação da realidade	Oportunizar aos alunos uma aproximação com a realidade, identificando os problemas do meio em que vivem.	- Apropriação de informações pelos alunos; - Observação da realidade, sob a ótica dos alunos; - Identificação do problema, objetivando contribuir para a sua transformação; - Discussão sobre o problema, com promoção da integração entre os estudantes; - Protagonismo do aluno na busca de informação; - Participação ativa do aluno no processo de ensino-aprendizagem.
Pontos-chave	Promover reflexão e discussão coletiva sobre os problemas identificados na etapa de observação da realidade, estabelecendo os pontos-chave.	- Definição dos possíveis fatores determinantes do problema; - Reflexão coletiva dos alunos sobre os problemas identificados; - Maior criticidade dos alunos para abordar os problemas; - Elaboração dos pontos a serem analisados; - Os pontos podem ser apresentados como: questões básicas, afirmações sobre características do problema, tópicos a serem investigados ou outras formas.
Teorização	Promover a busca de informação sobre os problemas identificados, observando os pontos-chave já definidos.	- Autonomia e protagonismo do aluno para buscar conhecimento; - Construção de respostas fundamentadas para o problema; - Construção coletiva do conhecimento; - Compreensão dos princípios teóricos que explicam o problema.

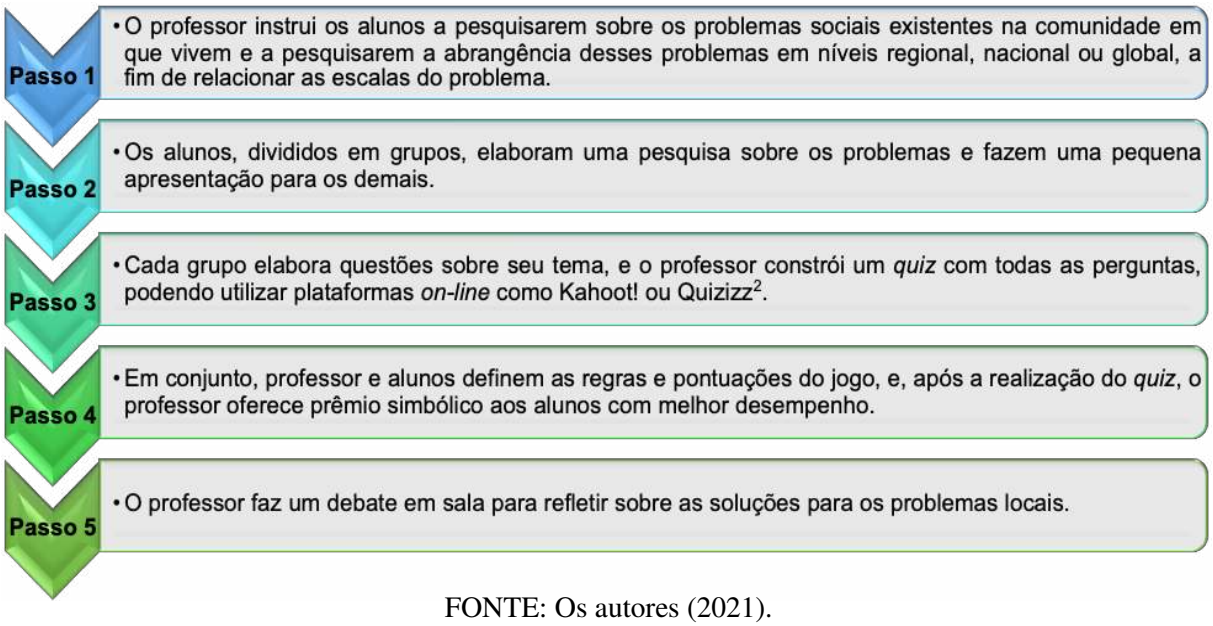
RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 4, n. 1, jan./abr. 2022.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Hipóteses de solução	Elaborar soluções para os problemas identificados, subsidiadas pelas informações levantadas pelos alunos e complementadas pelo professor.	- Elaboração de projetos com alternativas de solução para os problemas propostos pelos alunos, com criticidade e criatividade; - Motivação dos alunos para desenvolver as atividades; - O aluno aprende com a realidade, ao mesmo tempo que se prepara para transformá-la; - Efetivação da proposta de aplicação à realidade, elaborada coletivamente.
Aplicação à realidade	Aplicar à realidade o projeto desenvolvido na etapa anterior, objetivando solucionar o problema identificado na primeira etapa.	- Socialização do conhecimento produzido; - Implementação das soluções geradas no processo, objetivando transformar a realidade problematizada.

FONTE: Os autores (2021), baseados em Bordenave e Pereira (2005).

A sala de aula invertida e a rotação por estações também servem para dinamizar o ensino, pois fornecem mais responsabilidade e autonomia ao aluno, que dará o passo inicial com o estudo anterior à aula. Durante a aula, o professor poderá explorar a aprendizagem e tirar as dúvidas, desenvolvendo a metodologia de rotação por estações. Tais estações podem ser feitas em laboratório de informática, ou podem ser construídos ambientes dentro da sala de aula, com artefatos (cartazes, estudo dirigido, vídeos curtos, etc.) que criem para os discentes essa perspectiva de estações de estudos.

FIGURA 5 – UTILIZANDO A *GAMIFICAÇÃO* NO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA INTEGRAL E POLITÉCNICA



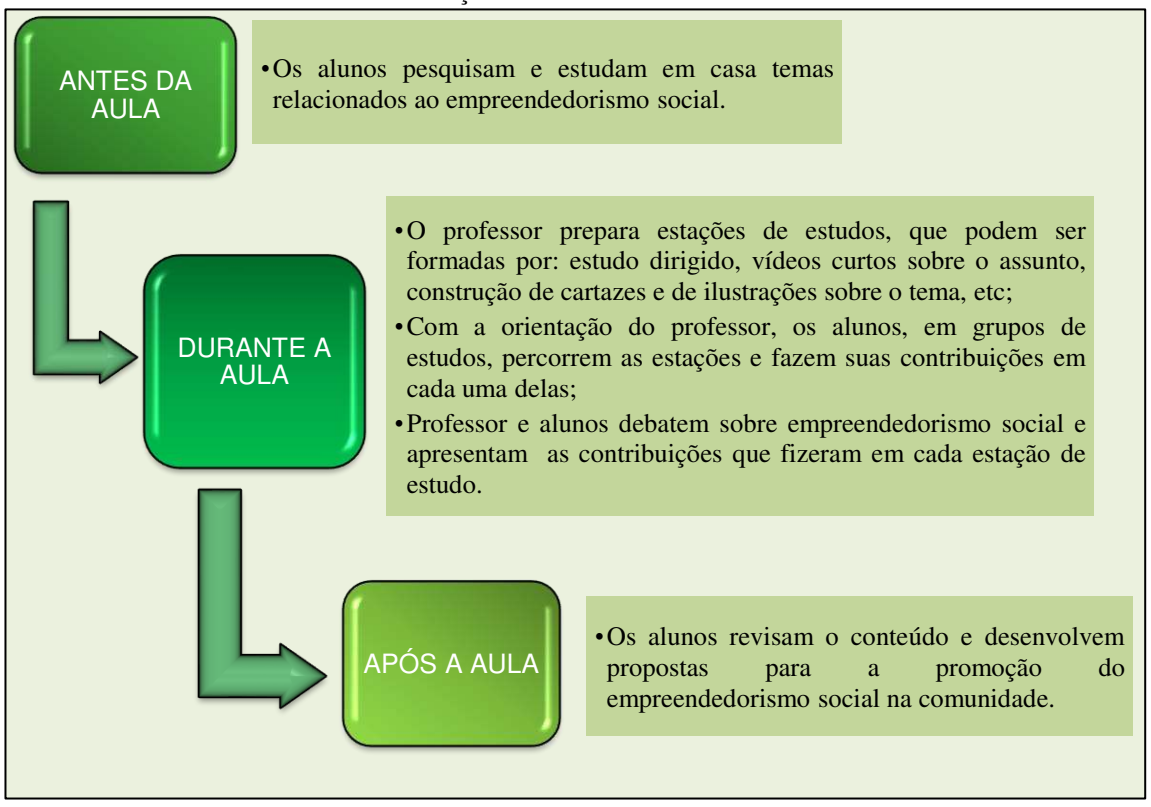
FONTE: Os autores (2021).

Deve-se destacar, ainda, que as "metodologias ativas" sugeridas aqui não devem ser utilizadas de forma aleatória e sem a devida reflexão sobre seu uso. As metodologias ativas não

dicotomizam a teoria e a prática; pelo contrário, o ensino deve sempre estar baseado na práxis, articulando-se os conhecimentos historicamente construídos com a realidade vivida pelos discentes. Alia-se também a essa crítica a necessidade de reflexão sobre o aprendizado que está sendo construído, conforme defendido por Libâneo (1990, p. 157): Quando o professor aplica métodos ativos de ensino (solução de problemas, pesquisa, estudo dirigido, manipulação de objetos etc.), deve ter clareza de que somente são válidos se estimulam a atividade mental dos alunos. Ao invés de adotar a máxima “Aprender fazendo”, deve adotar esta outra: “Aprender pensando naquilo que faz”.

Assim, embora grande parte dos autores da área utilizem o termo "metodologias ativas", a noção de "metodologia de aprendizagem centrada no estudante" mostra-se mais coerente com a proposta de educação empreendedora integral, em razão de o estudante ser o principal protagonista do ensino, o qual deve ser capaz de promover as transformações sociais[1]. Ao utilizar as metodologias ativas, é possível perceber a existência de diversos benefícios para todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, especialmente para os discentes, alvos do processo, que precisam ser formados com essa perspectiva de cidadania, empatia e solidariedade.

FIGURA 6 – UTILIZANDO A SALA DE AULA INVERTIDA E A ROTAÇÃO POR ESTAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA INTEGRAL E POLITÉCNICA



FONTE: Os autores (2020).

Baseado em Barbosa e Moura (2013), pode-se dizer que estão entre os benefícios para os alunos da utilização das metodologias ativas no desenvolvimento da educação empreendedora, elementos como: maior autonomia para pensar e agir; a percepção do aprendizado como algo

[1] Mesmo considerando que essa ressalva deve ser feita, ela não será endereçada aqui, por não ser o tema principal deste trabalho.

tranquilo; profissionais mais conscientes, qualificados e valorizados; maior protagonismo na construção do conhecimento; melhor aptidão para resolver problemas; senso crítico e confiança; preocupação com o bem-estar social.

Diante do exposto, é possível constatar o importante papel do professor para o efetivo desenvolvimento da educação empreendedora, visto que ele é responsável por promover as condições necessárias para a aprendizagem dos estudantes de maneira satisfatória e por incentivar o desenvolvimento de atitudes empreendedoras, motivando os alunos em busca de estratégias inovadoras, que contribuam de forma significativa para a realização pessoal e profissional dos educandos.

Por meio da educação empreendedora, é possível promover mudanças positivas e significativas, tanto na vida dos estudantes como nas instituições que promovem o ensino do empreendedorismo de forma integral e politécnica, visto que ambos contribuem para o desenvolvimento da sociedade. Assim, a educação empreendedora deve promover o desempenho de habilidades essenciais para a vida, por meio de práticas que favoreçam a inovação e que tenham como propósito a formação integral e a transformação social, conforme demonstrado na ilustração a seguir:

FIGURA 7 – EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA INTEGRAL E POLITÉCNICA: HABILIDADES, PRÁTICAS E PROPÓSITO



FONTE: Os autores (2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 4, n. 1, jan./abr. 2022.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

A educação empreendedora ainda é fortemente envolvida pelo seu viés empresarial, que tem como características o tecnicismo e o economicismo e, como objetivos principais, a criação de novos negócios e a formação de mão de obra para o mercado. Em contraposição a essa vertente existe a abordagem humanista, com um viés social, mas ainda com o objetivo limitado à solução de problemas ambientais e sociais e à formação de profissionais. Esta cartilha foi apresentada para sugerir uma nova possibilidade, que avança no sentido da integralidade, capaz de abranger os objetivos anteriores, de forma crítica, mas com foco na formação de sujeitos, possuindo assim o objetivo de promover a formação pessoal, intelectual, profissional e social, ou seja, a formação integral do ser humano.

A transformação sugerida depende de mudanças mais complexas e significativas na educação, ou seja, da concepção que se tem do processo de ensino-aprendizagem e dos sujeitos que são seu público-alvo, os discentes. A visão holística dos indivíduos e da sociedade permite que se conceba um ensino centrado no discente e em sua formação crítica, para que ele seja agente de transformação do meio em que vive. Logo, a proposta da educação empreendedora que promova a emancipação dos sujeitos e que os torna responsáveis pelo exercício da cidadania beira a necessidade de uma transformação sistêmica da educação de forma mais ampla e, também, a de mudança de concepções dos seus próprios atores, que precisariam ter inquietude e criticidade para despertarem esses sentimentos nos estudantes. Reside aí a importância da proposta de uma educação empreendedora integral e politécnica, como uma ferramenta a mais a fim de que a educação possa contribuir para mudanças significativas no meio social, por meio do incentivo à criatividade e ao espírito de solidariedade dos estudantes. Esta cartilha tentou ilustrar algumas possibilidades de atuação nesse sentido, buscando estabelecer algumas metodologias centradas nos estudantes. Buscou-se contribuir para a superação do desafio que paira sobre a EPT, o de garantir aos sujeitos em formação o acesso a uma educação politécnica que realmente os considere em sua completude, ativos em sua capacidade cognitiva, contribuindo para a construção de seu pensamento autônomo e possibilitando sua participação ativa no universo profissional e social.

A concepção do ser humano em sua integralidade e a inclusão de sua realidade no ensino são um desafio a ser superado por meio dessa proposta de educação empreendedora. Assim, cabe à EPT buscar a construção de novos saberes que proporcionem o desenvolvimento de múltiplas habilidades. O compromisso da educação com o desenvolvimento das competências profissionais, pessoais e sociais dos estudantes exige esforço para obter respostas rápidas a novos desafios profissionais e pessoais, desenvolver comunicação clara e precisa, interpretar e utilizar diferentes formas de linguagem e comunicação, trabalhar em equipe, encontrar novas formas de ação cooperativa, gerenciar processos para atingir metas, corrigir fazeres e trabalhos com prioridades. Mas também é preciso desenvolver a criticidade dos sujeitos para refletirem sobre seu papel na sociedade e sobre como podem mudar sua realidade. Esse protagonismo pode ser desenvolvido por meio de uma educação empreendedora integral e politécnica, que, mesmo engendrada em meio à lógica capitalista, pode ser uma travessia para a formação integral e politécnica dos indivíduos, para que atuem ativamente na sociedade e no mundo do trabalho, exercendo plenamente sua cidadania.

Defende-se, portanto, que essa proposta de desenvolvimento de uma educação empreendedora integral seja implementada pelos leitores, para que se vá além da noção de empreendedorismo empregada corriqueiramente e se estabeleça uma relação profunda entre o conhecimento e a formação total das pessoas, tornando-as capazes de reconhecer e de denunciar as injustiças sociais; para que se atue também na formação humana em sua integralidade; e, por fim, para que se avance no sentido de educar pessoas para serem capazes de produzir sua própria

existência, por meio da intervenção reflexiva e crítica na sociedade, em prol da transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. G.; CARDOSO, G. F. **Empreendedorismo social e políticas públicas na educação**: possibilidades e limites. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

ALMEIDA NETO, J. R. M.; PETRILLO, R. P. Métodos ativos de ensino/aprendizagem: definição, objetivos e estratégias didáticas. *In:* MELLO, C. M.; ALMEIDA NETO, J. R. M.; PETRILLO, R. P. (coord.). **Metodologias ativas:** desafios contemporâneos e aprendizagem transformadora. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2019. p. 49-114.

ANDRADE, R. R. **Demanda e Perfil Profissional de Técnicos de Nível Médio para o Setor Sucro-alcooleiro**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) – Instituto Agronômico, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2005.

ARAÚJO, J. C. S. Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino. *In:* VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Técnicas de Ensino**: por que não? 21. ed. Campinas: Papirus, 2011. p. 11-35.

BARBOSA, E. F.; MOURA, D. G. **Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica**. Boletim Técnico do Senac, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 48-67, maio/ago. 2013.

BERBEL, N. **Metodologia da problematização:** fundamentos e aplicações. Londrina: INP/UEL, 1999.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRITO, V. **Do Empreendedorismo Empresarial ao Social**. ASN – Agência Sebrae de Notícias, 2014. Disponível em: http://www.agenciasebrae.com.br/noticia.kmf?noticia=2829770ecanal=40. Acesso em: 3 jul. 2019.

COELHO, A. M. M. **Jovens empreendedores Primeiros Passos:** empreendedorismo social. 8º ano livro do aluno. São Paulo: Sebrae, 2011.

DEES, J. G. **The meaning of "social entrepreneurship".** Durham (NC): Center for the Advancement of Entrepreneurship, 2001.

DIESEL, A.; BALDEZ, A.; MARTINS, S. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017. Disponível

em: http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404. Acesso em: 16 dez. 2020.

DOLABELA, F. **Pedagogia empreendedora**: o ensino de empreendedorismo na educação básica voltado para o desenvolvimento social sustentável. São Paulo: Editora da Cultura, 2016.

DOMINGUES, D. O sentido da gamificação. *In:* SANTAELLA, L.; NESTERIUK, S.; FAVA, F. (org.). **Gamificação em debate**. São Paulo: Blucher, 2018. p. 11-37.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo:** transformando ideias em negócios. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DORNELAS, J. C. A.; SPINELLI, S.; ADAMS, R. **Criação de novos negócios**: Empreendedorismo para o século XXI. 2. ed. São Paulo: GEN Atlas, 2014.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 5-28, abr./jun. 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, G. Trabalho público, sindicalismo e educação. *In:* URBANETZ, S. T. (org.). **Contextos da educação profissional.** Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. p. 71-89. (Coleção Formação Pedagógica, v. 2).

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. A gênese do Decreto n. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. *In:* FRIGOTTO, G.; CIAVATTA; M.; RAMOS, M. (org.). **Ensino médio integrado:** concepções e contradições. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 21-56.

GUERREIRO, E. P. **Empreendedorismo e negócio social**. 1. ed. Rio de janeiro: Multifoco, 2014.

HENGEMÜHLE, A. **Desafios educacionais na formação de empreendedores**. Porto Alegre: Penso, 2014.

HERARTH, H. H. **Aprendizagem baseada em problemas**. Curitiba: Contentus, 2020.

LAVIERI, C. **Educação... empreendedora?** *In:* LOPES, R. M. A. (org.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

MATTAR, J. **Games em educação:** como os nativos digitais aprendem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

MELO NETO, F. P.; FROES, C. **Empreendedorismo social**: a transição para a sociedade sustentável. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. *In:* BACICH, L.; MORAN, J. (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora:** uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

RAMOS, M. Ensino médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. *In:* MOLL, Jaqueline *et al*. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 42-57.

SALIM, C. S.; SILVA, N. C. **Introdução ao Empreendedorismo:** despertando a atitude empreendedora. São Paulo: Elsevier, 2010.

SANTOS, C. B. D. G; NONENMACHER, S. E. B. **Guia para elaboração de projetos pedagógicos de curso para o ensino médio integrado**. 2019. Disponível em: http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432965. Acesso em: 11 jul. 2020.

STRINGHETTA, M. C. T. F. **Ensina-me a aprender**: pedagogias para a sociedade do conhecimento. Curitiba: InterSaberes, 2018.

Recebido em: *13 de setembro 2021*

Aceito em: *23 de dezembro de 2021*